

# **A FORMAÇÃO DO EDUCADOR E SUA RELAÇÃO COM A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE OS PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS PRESENTES NOS PROGRAMAS DE ENSINO DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DOS CURSOS DE PEDAGOGIA, ENTRE 1988 a 1998<sup>1</sup>**

Quillici Neto, Armindo<sup>2</sup>    UNITRI – armindoqn@terra.com.br

Palavras-chave:

HISTÓRIA - FILOSOFIA - EDUCAÇÃO - CONCEPÇÕES

RESUMO:

O presente trata de uma reflexão sobre pesquisa realizada com programas de ensino de Filosofia da Educação dos Cursos de Pedagogia do Estado de São Paulo, no período de 1988 a 1998.

Foram catalogados cento e setenta e dois programas de Filosofia da Educação que correspondeu a doze cursos de Pedagogia e um curso virtual de Filosofia da Educação.

A tentativa, naquele momento, foi o de revelar quais as concepções de Filosofia e de educação mais aparecem nos cursos de pedagogia.

O período delimitado para o estudo foi entre os anos de 1988 a 1998. Trata de um período histórico em que grandes transformações aconteceram. A queda do muro de Berlim e a influência do Neoliberalismo são acontecimentos que deixaram marcas fortes nos educadores brasileiros e isso poderia ser motivo de influência na Educação.

No texto, apontamos as contradições existentes no interior dos programas de ensino de Filosofia da Educação e as incoerências na relação entre os objetivos e os conteúdos e bibliografias.

1- INTRODUÇÃO:

---

<sup>1</sup> Este texto foi tema da tese de doutorado defendida no Departamento de História, Filosofia e Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP, em 01/05/2001, sob a orientação do Prof. Dr. José Luís Sanfelice.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário do Triângulo – UNITRI.

Este texto trata do levantamento de dados empíricos a respeito dos programas de ensino de Filosofia da Educação das faculdades de Pedagogia do Estado de São Paulo. Demonstra a forma como os mesmos se apresentam nos seus objetivos, nos seus conteúdos e em suas bibliografias. Enquanto realizamos a comparação entre os programas, apontamos uma reflexão a partir dos problemas que eles nos revelam.

A questão que norteou esta análise foi revelada nos próprios programas de ensino de Filosofia da Educação. Qual é a relação entre Filosofia e Educação? O que é uma Filosofia da Educação a partir dos programas que analisamos?

A Filosofia tem como papel a pergunta sobre o ser, sobre a razão existencial das coisas. Por isso, perguntamos: qual é o Ser da Educação? Os programas de ensino de Filosofia da Educação das faculdades de Pedagogia demonstram uma concepção ou várias concepções de Filosofia? Na verdade, no momento da pesquisa, queríamos saber qual Filosofia ou qual Educação fazem parte da prática desta disciplina. Queríamos discutir a possibilidade de uma Filosofia da Educação fundada na práxis educacional. Por fim, pensar a Filosofia da Educação a partir dos problemas fundamentais da Educação brasileira.

Quanto ao levantamento dos programas de ensino da disciplina de Filosofia da Educação, contatamos a partir de um levantamento por correspondências cento e três (103) faculdades de Pedagogia do Estado de São Paulo, solicitamos o envio dos programas de ensino da disciplina de Filosofia da Educação referentes ao período de 1988 a 1998, via correio. Percebemos, então, neste momento, a falta de interesse das instituições de ensino em colaborar com a pesquisa. Das cento e três faculdades contatadas, recebemos o material solicitado de apenas dez instituições.

Apesar da importância do material recebido se comparado ao período histórico inicialmente proposto, foi insuficiente por não contemplar todos os seguimentos da Educação Superior do Estado. Fato este que levou-nos a mais de uma tentativa para conseguir o material de pesquisa, sendo esta, a decisão de ir pessoalmente às instituições e coletar material de mais duas faculdades de Pedagogia, o que resultou no estudo de doze (12) faculdades e de um (1) curso virtual de Filosofia da Educação, totalizando cento e setenta e dois (172) programas de ensino de Filosofia da Educação. Esse material correspondeu a três Universidades públicas, uma confessional e o restante, instituições particulares e isoladas do interior e da capital de São Paulo.

Há posicionamentos nesta área que insistem em dizer que os programas de disciplinas não revelam a verdade do que está sendo ensinado em Filosofia da Educação ou de qualquer outra disciplina. A pesquisa não partiu de nenhum pressuposto obrigatório a esse respeito. Se o professor elabora o seu programa apenas para responder à burocracia e não explicita toda sua preocupação e toda sua prática, isso não foi o mais importante, uma vez que este não foi o objeto principal da pesquisa. A preocupação estava em descobrir a Filosofia da Educação presente nos programas e não em discutir se o professor foi ou não fiel em sua prática. A pesquisa entendeu ainda que, os programas de disciplinas constituem um material significativo em poder das escolas e revelam muito de sua estrutura, de seu funcionamento e das concepções de Filosofia da Educação. Esse levantamento empírico sobre os programas de disciplina de Filosofia da Educação foi delimitado há um período de dez anos, de 1988 a 1998. Podendo ser entendido como um trabalho tanto de Filosofia da Educação como de História da Educação.

O final da década de oitenta representava, no cenário internacional e nacional, um período de transformações históricas no campo da economia, da política e da ideologia. O impacto da *queda* do comunismo e a crise dos países socialistas. A ascensão de um capitalismo fundado nas teorias Neoliberais. No campo nacional, em 1988 vivia-se um momento de grandes transformações, tanto no aspecto político, como ideológico. O país saía do regime autoritário, a sociedade tentava reestruturar-se dentro de uma visão não mais amparada pelo regime militar. Como exemplo, o debate em torno da constituinte e o preparo para as eleições diretas de 1989. Neste cenário foi possível, ainda, a rearticulação da própria Educação; no ensino de primeiro e de segundo graus, mudanças metodológicas e abertura para implantação do ensino de Filosofia no segundo grau, mudanças da legislação educacional, dentre outras.

Esta pesquisa surgiu das angústias que tínhamos como professor de Filosofia da Educação nas faculdades de Pedagogia, principalmente em cursos noturnos. As questões colocadas acima sempre nos acompanharam e foram norteadoras da construção deste trabalho. Neste artigo colocamos a análise dos objetivos, dos conteúdos e das bibliografias coletados em nossa pesquisa.

A reflexão realizada neste texto tem como eixo norteador o conceito de práxis, pois sem uma Filosofia da práxis não será possível sustentar nossa reflexão. O conceito de práxis fundado na concepção marxista foi o método de análise para o levantamento de nossas idéias. Utilizamos o texto *Dialética do Concreto* de Karel Kosik e *Filosofia*

*da Práxis*, de Adolfo Sánches Vazquez, como pano de fundo para nossas reflexões. Nossa análise teve também sustento no pensamento de Marx, Gramsci, Saviani, Sanfelice, Severino, Gadotti e outros que apresentam alguma preocupação em relação à Filosofia da Educação e suas implicações.

A razão que nos levou a optar por estas leituras é o fato de não encontrarmos nos programas analisados uma diretriz definida claramente. Concordamos que se deva manter a disciplina de Filosofia da Educação no currículo dos cursos para formação de professores, como muitos vêm pregando em nome da Filosofia. Porém, penso ser este o momento para repensarmos na finalidade e no significado desta disciplina para a formação dos educadores, principalmente os formados em Pedagogia. Quais seus objetivos? Qual sua postura diante dos problemas da Educação e da Sociedade?

As questões acima são levantadas para indicar o grau de preocupação que temos diante dos problemas atuais da Educação. As novas propostas educacionais do MEC apontam para uma preocupação com a formação do cidadão, há indícios para a volta obrigatória da Filosofia no Ensino Médio e o estudo da Ética aparece como um referencial significativo dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

No final do texto deste trabalho colocamos alguns exemplos de programas de ensino de Filosofia da Educação, uma vez que todo material está no texto da tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação da Unicamp no ano de 2001.

## 2- A PROBLEMÁTICA DA FILOSOFIA E DA EDUCAÇÃO:

Se a Filosofia ocupa um espaço na formação dos educadores, entendemos que este espaço seja tomado de forma ampla e significativa. Nos programas que analisamos, não encontramos a preocupação com a formação do indivíduo enquanto alguém que poderá ser agente transformador da realidade. Há ausência de uma Filosofia comprometida com a realização do humano que:

não é apenas uma parte da totalidade do mundo: sem o homem como parte da realidade, e sem o seu conhecimento como parte da realidade, a realidade e o seu conhecimento não passam de mero fragmento. (Kosik, 1969, p. 206).

A Filosofia da Educação só terá sentido se pensada na relação entre o estudante e sua realidade, entre o estudante e sua prática enquanto futuro educador, enquanto aquele que será formado com a capacidade de pensar seu aluno como resultado das relações sociais. Sem esta preocupação a escola perderá seu sentido e significado, servindo como forma de consumo ou reprodutora das teorias que atendem ao interesse dos que governam.

A práxis que queremos explicitar é aquela que revela um diferencial na Educação. É a práxis que entende o homem como aquele que não

existe sem condições e só é criatura social através das condições. (...) O caráter social do homem, porém, não consiste apenas em que ele sem o objeto não é nada; consiste antes de tudo em que ele demonstra a própria realidade em uma atividade objetiva (Kosik, 1969, p. 113)

A legislação educacional e a política educacional atual, comprometidas com uma visão de mundo Neoliberal e globalizante (que vê o aluno apenas como indivíduo isolado de todas as suas condições), interferem até mesmo nas concepções dos programas de Filosofia da Educação. A escola só tem sentido se entender o homem como ser histórico-social. Kosik argumenta ainda que a

produção e reprodução da vida social, isto é, na criação de si mesmo como ser histórico-social, o homem produz: 1) os bens materiais, o mundo material sensível, cujo fundamento é o trabalho; 2) as relações e as instituições sociais, o complexo das condições sociais; 3) e, sobre a base disto, as idéias, as concepções, as emoções, as qualidades humanas e os sentidos humanos correspondentes. (...) Queremos ressaltar que a essência do homem é a unidade da objetividade e da subjetividade (Kosik, 1969, p. 113).

Na tentativa de buscar um argumento para justificar uma Filosofia da Educação que não seja mera abstração, mas que tenha um papel fundamental para que os educadores pensem a realidade, baseados na idéia de práxis. Vázquez recorre à XI tese de Marx sobre Feuerbach dizendo que o que distingue a teoria marxista das doutrinas filosóficas é o

seu caráter científico e o fato de conceber-se a si mesma em função da praxis, ou seja, como filosofia a serviço da transformação efetiva, real, do mundo, situando assim a praxis revolucionária como finalidade da teoria ( Vázquez, 1977, p. 206).

Ora, a Educação não pode omitir o sentido histórico-dialético de seu papel, daí nossa concordância com Marx na XI tese sobre Feuerbach. O que tem feito a Filosofia da Educação senão interpretar e repassar os conceitos historicamente elaborados?

Não tenho pretensão em fazer uma interpretação da Filosofia da Educação fundamentalmente marxista, de forma a não permitir nenhuma outra condição de interpretação. Porém, há necessidade de que sejamos coerentes em levantar um problema e seguir uma linha de análise.

Neste momento, a Filosofia da Educação é chamada para uma *revolução* de seu papel, por ser desarticulada, desnecessária, utópica e conservadora, por não tratar a sua prática com maior comprometimento. Ao criticar a Filosofia como aquela que é interpretação e aquela que aceita o mundo como ele é, não contribuindo para sua transformação, Marx indica-nos a forma como podemos pensar a Filosofia da Educação.

Daí nossa preocupação mais significativa: que a Filosofia da Educação encontre o sentido de seu trabalho e de seu propósito. Se não houver preocupação com uma relação dialética entre teoria e prática desta disciplina, não encontraremos nenhum significado na mesma. Vázquez, se aproxima desta idéia da seguinte forma:

Ao formularmos a questão indagando se a atividade filosófica pode ser praxis em si, referimo-nos à filosofia que, vinculada conscientemente à prática, se propõe ser instrumento teórico da transformação da realidade. Pensamos justamente no próprio marxismo que – de acordo com a Tese XI sobre Feuerbach – afirma que se trata não apenas de interpretar o mundo, mas também de transformá-lo. Pode-se dizer que a atividade filosófica, nesse caso, seja praxis, sem esquecer por um momento o conteúdo conceitual que demos a esse termo? A nosso ver, a filosofia, seja como interpretação do mundo, seja como instrumento teórico de sua transformação, não é em si, de modo direto e imediato, praxis (Vázquez, 1977, p. 206).

A Filosofia da Educação deve buscar constantemente uma idéia acerca da aproximação entre teoria e prática, sendo que esta só tem sentido se partir da prática para obter uma mudança na realidade educacional.

Não basta desenvolver uma atividade teórica; é preciso atuar praticamente. Ou seja, não se trata de pensar um fato, e sim de revolucioná-lo; os produtos da consciência têm que materializar-se para que a transformação ideal penetre no próprio fato (Vázquez, 1977, p. 209-210).

### 3- QUANTO AOS OBJETIVOS<sup>3</sup>:

Os objetivos dos programas revelam algumas das hipóteses que tínhamos a respeito do papel do ensino de Filosofia da Educação. Há um caráter pluralista quanto aos propósitos apresentados pelos professores. As proposições são amplas e diversificadas, havendo pouca preocupação em discutir um determinado problema mais específico dentro da Educação.

Partindo da análise dos programas de ensino de Filosofia da Educação, observamos a grande discrepância entre o significado da teoria e a prática. Os programas revelam apenas um roteiro de aulas e não demonstram uma preocupação com uma temática fundamental. Realizam um trabalho *fetichizado*, omitindo o *fio condutor* que se tem para interpretar a Educação. Esta disciplina aparece apenas para ocupar um lugar no currículo sobre a formação de professores, sem que seja realizado um questionamento sobre seu papel e seu significado.

A nossa prática de professor de Filosofia da Educação nos leva a um questionamento constante a respeito do papel que esta disciplina desenvolve no curso de pedagogia.

O material que levantamos para nossa pesquisa revela um quadro significativo quanto aos interesses que tínhamos. A realidade do professor de Filosofia da Educação está muito próxima da crise do próprio pedagogo, não há uma unanimidade nas propostas desta disciplina, daí as diferenças nos propósitos existentes.

A idéia de conceituação da Filosofia da Educação é muito presente nos objetivos dos programas. A Filosofia da Educação ocupa-se muitas vezes em introduzir o estudante ao mundo da própria Filosofia, não conseguindo realizar uma aproximação entre a Filosofia e a Educação. O perigo de uma programação introdutória está no esquecimento da própria Educação como objeto de análise (ver anexo 1).

A postura introdutória parece, ainda, trazer uma problemática menos reveladora, mas que é significativa para nossa análise. Quando o professor opta pela mera historicidade da Filosofia e sua introdução, ausenta a análise de uma problemática central na Educação. Muitas vezes, falta uma questão que norteie seu programa, os temas são indicados de forma aleatória e descompromissada.

---

<sup>3</sup> Exemplos de objetivos pesquisados estão em anexo no final do texto.

Esta reflexão sobre o ensino de Filosofia da Educação, a partir dos objetivos, desvela um significado importante sobre o papel desta disciplina nos currículos escolares. A Filosofia da Educação aparece como uma disciplina redentora e salvadora, aquela que irá resolver os problemas da Educação. O papel da Filosofia da Educação não está em solucionar todos os problemas imediatos da Educação. Para isso, existem as outras ciências que sustentam a Educação: a História, a Sociologia, a Psicologia, a Economia, a Metodologia, assim como, a Política da Educação e outras.

A Filosofia da Educação vai levantar as questões acerca dos problemas da Educação, realizar uma reflexão em torno da mesma e apontar determinadas saídas a partir de um rigor analítico fundado nos métodos filosóficos.

A superação da ingenuidade e do senso comum faz parte de um número significativo de programas, assim como a idéia de desenvolvimento do senso crítico. É freqüente a idéia de rompimento com as classes dominantes e com os poderes estabelecidos (ver anexo 2).

Não encontramos em nosso levantamento a questão que se apresenta como fundamental na disciplina de Filosofia da Educação: o papel da Filosofia da Educação na formação do educador. Nos objetivos, as questões são gerais, não especificam o verdadeiro objeto de análise daquela proposta de aula. Quando a questão aparece, falta-lhe clareza acerca de seu papel.

Quando a Universidade desenvolve a pesquisa na área da Educação e o professor pesquisador leciona a disciplina de Filosofia da Educação, aparece alguma reflexão em torno da questão acima levantada.

A apresentação dos objetivos com o propósito de ser *formador de atitudes de pensamento crítico e reflexivo*<sup>4</sup> aparece com freqüência. *Suprir a demanda educacional e instrumentalizar a reflexão crítica nos processos de transmissão de conhecimento e de exercício pedagógico* são objetivos presentes em várias faculdades de pedagogia. Na verdade, no roteiro de conteúdos e bibliografias não figura um quadro analítico capaz de formar o aluno para tais objetivos; os livros propostos não são originais, são didáticos. Daí as incoerências.

Quando se propõe uma reflexão crítica com os objetivos a serem desenvolvidos pela disciplina de Filosofia da Educação, entende-se que o professor tenha feito uma trajetória de levantamento das questões que nortearão seu trabalho. Falar de uma visão

---

<sup>4</sup> As colocações em itálico são transcritas dos Programas de Ensino de Filosofia da Educação pesquisados.

crítica para quê? A partir de que enfoque ele está falando? A quem se dirige quando propõe tal análise? Quais são os fundamentos para formar a reflexão crítica? Se não houver um rigor para essa análise o professor cairá numa experiência de senso comum, seu trabalho não terá nenhum significado.

Através do conceito de reflexão explicitado por Dermeval Saviani, percebemos uma grande contradição diante dos termos propostos pelos professores. Para Saviani, *reflexão – reflectere* - que significa *voltar atrás*, é, pois, um *re-pensar*. *Refletir é o ato de retomar (...)*. *E é isto a Filosofia* (Saviani, 1986, p. 23). A reflexão filosófica não deve acontecer do nada, mas referenciada na idéia de um rigor, *deve ser radical, rigorosa e de conjunto*. (Saviani, 1986, p. 25).

A apresentação dos programas de Filosofia da Educação, no que se refere à formação crítica, tem em si a ausência de uma matriz de pensamento. Por isso, é incoerente. Para se falar em crítica, a Filosofia tem que realizar uma análise do homem como sujeito concreto que produz e reproduz a realidade social e, não do homem ideal, carregado de ideologias, que atende às necessidades do sistema atual (ver anexo 3).

Os programas de ensino revelam uma visão historicista da Filosofia. Nas faculdades particulares e isoladas de ensino noturno, geralmente o aluno chega com deficiências na sua formação em História e Filosofia. O professor de Filosofia da Educação torna-se obrigado a retomar a História da Filosofia. O estudante chega com dificuldades de situar-se no tempo e no espaço, dada a má qualidade do ensino médio. Daí se justifica o caráter de disciplina introdutória encontrado nos programas.

A idéia de crise dos paradigmas parece ser algo que entrou no campo da Filosofia da Educação e ganhou uma força significativa nos últimos anos. O abandono de uma orientação teórica da Filosofia e a tentativa de se buscar uma compreensão da educação é significativo em vários programas (ver anexo 4).

Entendemos que esta *crise dos paradigmas está ligada a uma concepção eclética da Filosofia da História*. É o que Lombardi aponta como *crise da modernidade* (Lombardi, 1993, p. 132-133).

Lombardi demonstra ainda, em sua tese de doutorado, que essa *crise de paradigmas das ciências é uma crise da modernidade e da razão moderna; objetiva identificar e qualificar a existência de uma 'crise do marxismo' (...)* (Lombardi, 1993, p. 133).

Os programas das faculdades particulares, onde não há preocupação com a pesquisa e os professores anunciam nos objetivos a idéia de *crise dos paradigmas*,

demonstram uma contradição quando elaboram os tópicos. A proposta do professor, muitas vezes, não caminha para chegar à discussão dos paradigmas. O professor apenas anuncia a idéia de *crise*, mas não realiza um aprofundamento quanto às questões fundantes da *crise de paradigmas*.

A leitura dos programas de ensino de Filosofia da Educação revela algumas questões importantes. Trata da crise do *ensino* de Filosofia da Educação e não da crise da Filosofia. A questão posta é a seguinte: será que o ensino da Filosofia na formação do pedagogo enfrenta uma crise na sua identidade e no seu projeto?

Há uma pluralidade de concepções que permeia o interior dos programas, tanto da Filosofia quanto da Educação. Se há um lugar, no mundo contemporâneo, que revela uma certa pluralidade e diversidade, ele está na Educação (ver anexo 5). A questão que surge, então, é como lidar com tal diversidade?

Se há um espaço fértil para brotar a consciência filosófica e a reflexão crítica, esse espaço está na Educação. É nela que encontramos as contradições, as idéias, as vertentes teóricas, ideológicas e, a própria prática.

A escola parece ser vista como algo isolado do todo, então o professor *ensina*, mas não fornece condição de análise e questionamento sobre a função social deste ensino e não coloca o aluno como agente capaz de interferir na vida da sociedade. O questionamento sobre linhas teóricas, sobre a prática pedagógica, sobre a Educação em si, aterroriza muitos educadores, que querem estar no conforto de seu tradicionalismo figurado em uma nova roupa, a do progresso, da tecnologia, etc. Paira um conservadorismo muito forte na Educação brasileira atual.

A política educacional brasileira vive um momento de transição entre os modelos de cunho tradicionais, escolanovistas e progressistas. Há uma redefinição do papel da Educação. Com o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), fica claro que a busca de novos referenciais de análise da realidade brasileira estão presos à idéia de *crise dos paradigmas*; no entanto, há um conservadorismo na proposta dos mesmos, pois enxergam a educação com o papel de adaptar o indivíduo à sociedade e não com um propósito de transformação da realidade social.

Em nosso trabalho de pesquisa, no final da parte que trata dos objetivos, apontamos para uma questão importante; a de que o professor de Filosofia da Educação deve assumir uma postura teórica mais clara.

Esta postura tem uma razão de ser, a própria formação educacional (pedagogia) brasileira caminha para que isto ocorra. Muitos dos professores de Filosofia da

Educação não portam formação filosófica, acabando por desempenhar um papel meramente aplicativo dos métodos, deixando a reflexão, a análise, a crítica sobre a Educação e a realidade sacrificadas. A Filosofia da Educação acaba sendo uma disciplina que serve para cumprir uma obrigação curricular, sem que ela desempenhe o seu verdadeiro papel.

Esta análise implica em uma reflexão sobre o papel do professor de Filosofia da Educação, aquele que é o condutor do processo dialético e complexo da formação dos educadores no Brasil. Qual é o professor ideal de Filosofia da Educação? Será o mais comprometido com a Filosofia ou aquele que pensa a Filosofia da Educação somente com conteúdos didáticos?

Esta dicotomia que detectamos nos programas de ensino de Filosofia da Educação remete-nos ao pensamento de Antonio Gramsci, quando propõe uma escola preocupada com a formação da sociedade. Para ele, o *professor medíocre pode conseguir que os alunos se tornem mais instruídos, mas não conseguirá que sejam mais cultos* (Gramsci, 1988, p. 132).

#### 4- QUANTO AOS CONTEÚDOS<sup>5</sup>:

Neste segundo momento de análise sobre os programas, onde os objetos são os conteúdos, faremos uma comparação entre as tendências educacionais, as épocas em que os programas estão situados e as próprias correntes filosóficas contidas nos programas. Esta análise caminha a partir da questão que fundamenta a relação entre Filosofia e Educação.

Queremos evidenciar, nesta segunda parte, aquilo que já apontamos na parte anterior, da pluralidade contida nas indicações dos programas de ensino de Filosofia da Educação. O mesmo professor que indica tópicos com vertentes progressistas, tais como Marilena Chauí, Paulo Freire, Saviani e outros, indica Rubem Alves. Portanto, há uma multiplicidade de vertentes no interior dos programas de Filosofia da Educação. Por isso, reafirmamos que a Filosofia da Educação apresenta apenas apontamentos de

---

<sup>5</sup> Exemplos de conteúdos pesquisados estão em anexos no final do texto.

vertentes teóricas, de forma superficial, sem oferecer uma análise aprofundada e questionadora, dirigida por um marco significativo da Filosofia (ver anexo 6).

A postura acima apontada justifica o uso de tantos manuais de Filosofia da Educação ou de Filosofia. A superficialidade na análise revela que a bibliografia deverá ser calcada em manuais.

A realidade da Filosofia da Educação no Brasil está entre uma concepção de Educação tradicional, conservadora, fundada na visão Aristotélico-Tomista da idade média, no ecletismo pedagógico, no escolanovismo ou no tecnicismo, que significa a aceitação de várias concepções servindo de análise da realidade social, política, econômica, filosófica e educacional brasileira. Os programas de ensino de Filosofia da Educação explicitam de alguma forma essas concepções. Representa, na prática, a instalação ou a reprodução de tais concepções na Educação.

Os programas de ensino dos professores de Filosofia da Educação servem como um veículo de transmissão das elaborações das duas áreas: da Filosofia e da Educação. Na Filosofia, reproduzem as grandes linhas filosóficas construídas historicamente pela humanidade ou pelos filósofos. Na Educação, reproduzem os fundamentos educacionais, os métodos e as ideologias que compõem os próprios métodos, bem como as políticas da Educação.

Encontramos nos métodos de ensino de Filosofia da Educação uma espécie de reprodução daquilo que a própria Educação brasileira faz, que é a falta de uma definição clara do que seja Educação e a aceitação de várias concepções numa mesma prática.

A pesquisa revela que na maioria das vezes a Filosofia da Educação é uma disciplina complexa, quando não, contraditória. Os objetivos apresentados pelos professores não são coerentes com o roteiro de conteúdos e com a lista bibliográfica. O autor chega a usar um tópico de um determinado livro que nem é indicado na bibliografia. Os autores são intérpretes, deixando, assim, uma visão superficial da análise proposta pelo professor (ver anexo 7).

Nosso questionamento caminha em direção da busca de uma análise crítica sobre o papel da Filosofia da Educação no Brasil. Nos programas mais recentes, há uma dedicação significativa para o termo Ética, principalmente o contemplado nos parâmetros curriculares nacionais (PCNs). Essa discussão começa a ter importância a partir de 1997, quando do lançamento dos PCNs. Nossa indagação se faz quando vamos analisar a bibliografia e detectamos que o professor não indica nenhum texto que analisa a problemática da Ética enquanto um referencial histórico-filosófico. O professor de

Filosofia da Educação está cumprindo com o papel de ensinar a Ética dos PCNs, sem buscar um referencial analítico sobre o significado de tal Ética. Vejamos o que os Parâmetros Curriculares Nacionais propõe para o tema ética:

É este o desafio maior que se apresenta à sociedade, mais particularmente, à escola, espaço de socialização e criação de conhecimentos e valores. Trabalhar com crianças e adolescentes de maneira responsável e comprometida, do ponto de vista ético, significa proporcionar as aprendizagens de conteúdos e desenvolvimento de capacidades para que possam intervir e transformar a comunidade de que fazem parte, fazendo valer o princípio da dignidade e criando espaços de possibilidade para a construção de projetos de felicidade (PCN. 1998. p. 59)<sup>6</sup>.

Numa sociedade como a nossa, onde os valores humanos são reféns do modelo financeiro, e como consequência, a escola é refém da estrutura econômico e financeira, a implantação de projetos que poderia significar mudanças para a vida dos estudantes fica sacrificada. A idéia de construção de uma escola preocupada com a construção da cidadania de cada indivíduo acaba sendo incoerente.

Quando se fala em novos métodos ou novas formas de Educação, assim como os PCNs, há um retorno explícito a uma visão moralista medieval, ou seja, a Ética dos temas transversais passa a ser, em nossa época, uma serva do atual sistema. Aparece na escola mais como um requinte do que propriamente um referencial de análise dos problemas da Educação.

A concepção de Filosofia da Educação dos PCNs contempla uma idéia de homem que deve adaptar-se a uma realidade sócio histórica de nosso tempo. O homem não se realiza, vive para realizar a vontade do sistema em que está inserido. O que percebemos é uma contradição entre o que o PCN propõe e a realidade da própria escola.

Em outro trecho do texto dos PCNs encontramos a tomada de consciência sobre a relação entre uma proposta de trabalho com a Ética e a prática da escola com seus limites. O que não percebemos é que há uma disposição para que o ambiente

---

<sup>6</sup> Há dificuldade em aliar o trabalho dos temas transversais com o cotidiano da escola. Não há estrutura adequada, principalmente na escola pública, para a implantação das estratégias previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

escolar esteja pronto para as verdadeiras mudanças. O que acontece no Brasil é que as mudanças são vagarosas e de pouco significado.

O conhecimento requerido para a realização do trabalho didático na perspectiva da ética não se esgota na compreensão dos princípios éticos fundamentais ou das doutrinas morais, discutidos no âmbito da filosofia. É importante também o recurso às ciências do comportamento, que, ao explicar o desenvolvimento da moralidade na criança e no adolescente, permitem verificar como se dá o processo de legitimação de valores e regras morais, na articulação de uma vivência pessoal e singular com a experiência mais ampla da socialização (PCN. 1998. p. 67).

A fome, a violência, a marginalidade e outros e outros problemas da realidade, são temas trabalhados pela escola, para que o sujeito compreenda como funciona esta dinâmica econômica. Porém, não há preocupação em mudar a dinâmica do sistema para melhorar a condição existencial das pessoas. Sobre esta situação da relação entre o homem, o mundo e o conhecimento, KOSIK diz que o

homem tem que sair do estado natural para chegar a ser verdadeiramente homem ( o homem se forma evoluindo em homem) e conhecer a realidade como tal (Kosik, 1969, p. 21).

Assim, o homem só conhece a realidade na medida em que cria a própria realidade humana e se comporta antes de tudo como ser prático. A escola atual faz exatamente o contrário; o homem não é visto como resultado da práxis humana, mas como uma mera reprodução dos ideais capitalistas. A concepção que norteia a escola atual é aquela que olha o homem como ser abstrato, portanto é idealista.

O professor de Filosofia da Educação deve se distinguir dos demais porque propõe um problema a ser analisado e discutido entre os alunos, porque vai além do ensino, oferece a possibilidade da *crítica*, da análise e da reflexão.

Nossa preocupação caminha, ainda, em direção da reflexão sobre o curso de pedagogia, que tem como papel a formação do professor e de profissionais de educação. Um curso que deve pensar a prática educacional no país. Daí, perguntar novamente qual o papel da disciplina de Filosofia da Educação para o curso de pedagogia?

Outra preocupação diante do ensino de Filosofia da Educação está no desvelamento de um dos problemas cruciais desta disciplina: saber se os professores têm uma visão de ensino da Filosofia e das concepções filosóficas. Falta-lhes a postura

de se utilizar as concepções filosóficas como referenciais de análises dos problemas educacionais de forma dialética. Não importa o método que ele utiliza, o que importa, na prática, é partir da Educação ou da Filosofia.

Os grandes matizes teóricos da filosofia dos séculos XVIII, XIX e XX, tais como o Marxismo, o Positivismo e as outras correntes de pensamento, parecem não ser mais preocupação dos professores de Filosofia da Educação. Poucos programas contemplam essas concepções e, quando as indicam em seus programas, são apenas para que o aluno tome conhecimento da existência delas.

O Existencialismo, a Fenomenologia, o debate entre Empirismo e Racionalismo são questões que passam silenciosamente pela disciplina de Filosofia da Educação.

O rompimento do pensamento moderno para com a Idade Média também não faz parte do estudo dos professores de Filosofia da Educação.

Os tópicos dos programas de ensino de Filosofia da Educação revelam mais a ausência de um pensamento filosófico do que a possibilidade de se construir uma concepção de Filosofia da Educação.

##### 5- QUANTO ÀS BIBLIOGRAFIAS<sup>7</sup>:

O quadro bibliográfico apresentado pelas disciplinas de Filosofia da Educação nas faculdades de pedagogia reproduz, de maneira geral, aquilo que se leu pelos educadores dentro dos dez anos pesquisados. O olhar quantitativo demonstra que os livros introdutórios da Filosofia da Educação são mais utilizados nos cursos de pedagogia. A dúvida que nos apresenta, neste momento, é quanto ao aprofundamento dos temas estudados na pedagogia. O que nos ocorre nesta análise é que o curso de Filosofia da Educação acaba sendo superficial, sem aprofundamentos significativos para a Educação. O livro *Filosofando: Introdução à Filosofia* aparece como um dos mais utilizados, em 40 programas.

O dado acima revela que há uma superficialidade na apresentação dos programas, a bibliografia é muito genérica, não tratando de uma temática específica. A

---

<sup>7</sup> Exemplos de bibliografias pesquisadas estão em anexo no final do texto..

Filosofia da Educação passa a ser uma disciplina que não é capaz de gerar um debate profundo dos problemas educacionais que estamos vivendo na atualidade (ver anexo 8).

A pluralidade das indicações bibliográficas é outro retrato na elaboração dos programas; demonstra uma variedade de leituras que na verdade não se juntam, não há conexão entre elas.

Esta postura muito genérica revela uma certa preocupação para o pesquisador: há comprometimento da análise em não se adotar uma postura clara e definida. Na verdade, aquilo que os objetivos estão propondo, será impossível de ser atingido, devido a ausência de uma especificidade filosófica em formar o educador como agente de reflexão, de questionamento, de capacidade de análise e formação intelectual.

Há duas coisas que se aliam às propostas de Filosofia da Educação; a primeira é o conteúdo, a forma como eles são apresentados e a ausência de clareza no seu projeto; o segundo é o método, pois os programas não demonstram claramente os caminhos que os professores seguirão para chegar a seus objetivos. O método é exatamente a adoção de uma concepção de Filosofia que norteará o fazer pedagógico em sala de aula. Não é possível, para um professor de Filosofia da Educação, deixar de adotar previamente sua concepção de homem, mundo e sociedade diante de um projeto educacional?

## 6- CONCLUSÃO:

Estabelecer um discernimento sobre a Filosofia da Educação no Brasil parece-nos prematuro, pois ainda estamos por construir uma idéia de Filosofia da Educação. Muitos dos educadores brasileiros ainda não conseguiram superar a dicotomia escola tradicional, escola nova, escola tecnicista, etc. Quando tentaram, caíram nas contradições das armadilhas destas concepções. O que há na evolução da Educação brasileira, são tendências ainda muito isoladas.

No entanto, se tomarmos as questões levantadas durante a elaboração desta pesquisa e tentarmos respondê-las, ou seja, se tentarmos julgar aquilo que levantamos enquanto idéia de Filosofia da Educação presente nos programas de ensino, correndo-se o risco de não se chegar a nenhuma conclusão, devido a diversidade de propostas e de bibliografias. Queremos, então, refletir sobre algumas das questões que surgiram nesta

caminhada. Qual a relação entre Filosofia e Educação? O que é uma Filosofia da Educação a partir dos programas de ensino dos Cursos de Pedagogia?

As questões adotadas no decorrer deste trabalho revelam a preocupação dos professores de Filosofia da Educação. Há três posturas claras nos programas de ensino: a primeira é aquela em que o professor se apóia em seu referencial filosófico, seu autor, sua corrente de pensamento, na qual a Filosofia é vista como um referencial metodológico, analítico sobre a Educação. São programas que partem da Filosofia para analisar os problemas da Educação.

A Segunda é aquela em que o professor elabora um roteiro de tópicos em Filosofia e trabalha como uma Filosofia da Educação. Aqui o professor corre o risco de trabalhar somente a Filosofia como história, sem pensar em relacionar com a Educação ou apresenta temáticas diversas sobre os problemas filosóficos. Neste aspecto, o professor também, como na primeira, distancia a Filosofia da Educação.

A terceira forma é o tipo de professor que revela não ter nenhuma ligação com a Filosofia, aparenta ter uma formação mais pedagógica e concentra seu programa em discutir questões ligadas especificamente à Educação. Ou seja, não há nada de Filosofia, mas sim de pedagogia, de didática ou até de metodologia do ensino.

Portanto, o que percebemos em nosso trabalho é que há no Brasil a estruturação de algumas idéias de Filosofia da Educação, mas que não há uma Filosofia da Educação. Existem Filosofias da Educação. Há diversidade tanto nas concepções filosóficas, como nas concepções educacionais. O que não há é uma prática e atuação dos professores de Filosofia da Educação para que se busque uma identidade clara da Educação brasileira.

Esta idéia põe em debate e em evidência aquilo que Antônio Joaquim Severino vem apontando em suas pesquisas, que a Filosofia da Educação está iniciando alguns vãos com autonomia, ou seja, a Filosofia vem ganhando espaço no cenário da Educação brasileira. Ainda que de forma embrionária, seu trabalho já é significativo. Porém, falta ainda uma discussão a respeito do sentido desta Filosofia para a Educação e vice-versa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, S.E.E.F. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos*. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.1998.
- GADOTTI, M. *Revisão crítica do papel do pedagogo na atual sociedade brasileira*; Introdução à pedagogia do conflito. Educação e Sociedade 1 (1). São Paulo, Cortez/Cedes, set. 1978, pp. 5-16.
- \_\_\_\_\_. *Estratégias para uma definição das áreas de formação e atuação do educador*. São Paulo. SP. 1980 a, mimeo.
- \_\_\_\_\_. *Educação e Poder*. Introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Elementos para uma crítica da questão da especificidade da educação*. Em aberto 3 (22). Brasília, Mec/inep, jul/ago. 1984, pp. 21-30.
- \_\_\_\_\_. e PINO, I.R. *A redefinição do curso de pedagogia; Idéias Diretrizes*. REBEP 63 (144). Brasília, mec-inep, mai/ago, pp.59-66.
- \_\_\_\_\_. *Idéias diretrizes para uma filosofia da educação*. Revista Reflexão. 4 (13), Janeiro/abril 1979.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira. 1988.
- KOSIK, Karel, *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- LOMBARDI, José Claudinei. *Marxismo e história da educação: algumas reflexões sobre a historiografia educacional brasileira recente*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP: 1993.

SANFELICE, José Luis. *O ato pedagógico e o ensino da filosofia*. In: Nielsen Neto, Henrique (org.). *O ensino de filosofia no segundo grau*. São Paulo: Sofia editora SAFE. 1986.

SAVIANI, Dermeval. *Contribuição a uma definição do curso de pedagogia*. Didata (5). São Paulo: PUC, 1976, p.13-22.

\_\_\_\_\_. *A filosofia da educação no Brasil e sua veiculação pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, 65 (150): 273-90, maio/agosto. 1984.

\_\_\_\_\_. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez/Autores Associados. 1996.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Paradigmas Filosóficos e Conhecimento da Educação: Limites do Atual Discurso Filosófico no Brasil na Abordagem da Temática Educacional*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.74, n.176. jan./abr. 1993.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da Praxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ANEXOS<sup>8</sup>

## ANEXO 1:

Conceituar a filosofia da educação como fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas pedagógicas na história da civilização ocidental; Dar a conhecer o conceito de filosofia da educação, o significado e a função da filosofia para a educação; Refletir sobre a filosofia da educação e a estrutura social, e ideologia, senso comum e reflexão filosófica.

## ANEXO 2:

Capacitar o aluno para uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto dos problemas que a realidade educacional apresenta. Que os alunos façam a distinção entre senso comum e a consciência crítica e se situem enquanto educadores, como estimuladores dessa transformação.

## ANEXO 3:

Ajudar o aluno a abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum em relação à Educação; a criar e desenvolver o senso crítico para não deixar levar-se pelas idéias das classes dominantes e poderes estabelecidos; compreender cada vez melhor a significação do mundo, da cultura, do pensamento, da existência e da educação – formação da pessoa humana.

## ANEXO 4:

## Programa:

"Se o homem é o ser que não se contenta em coincidir consigo, como uma coisa, mas que se representa a si mesmo, se vê, se imagina, se dá de si mesmo símbolos, rigorosos ou fantásticos, é evidente que em contrapartida toda mudança na representação do homem traduz uma mudança do próprio homem". Merleau-Ponty. "O homem e a adversidade".

Um fato se impõe: a educação está, talvez mais do que em épocas passadas, no centro de debates e atenções pôr parte dos mais diversos setores da sociedade. Especialistas ou nem tanto especialistas, palpiteiros de ocasião, políticos, financistas interesseiros na exploração meramente econômica de algo que se tornou uma questão vital de nossa cultura e de nossa civilização. Diante desta questão repete-se o dito da Esfinge: "responde ou morrerás". Ela é uma "situação limite" na expressão de Karl Jaspers.

Corno interpretar este fenômeno. Vale dizer, esta atenção dedicada à questão da educação?

Como expressão de um estado de consciência crítica de nossa cultura em fim de século? Possivelmente. Ou como sinal de saúde filosófica, política? Talvez. Teríamos então saído do torpor da mente dogmática? Ou ainda um sintoma de uma crise? Sem dúvida. Não no sentido mórbido e pessimista de crise, isto é, o revelado no diagnóstico que para muitos não passa de um alibi para nada se fazer: "a educação está mal"-mas no sentido originário como estado normal na dinamicidade da vida das culturas.

De qualquer modo o clima sentido é de "paradigma perdido"(Niklas Luhmann). Buscam-se novos paradigmas. As diversas tentativas teóricas e práticas se surpreendem, como o rei, em sua nudez, incapaz de tudo explicar ou compreender. A

---

<sup>8</sup> Os programas de Filosofia da Educação transcritos nos anexos correspondem aos originais, não havendo alterações ou correções.

ferida da racionalidade está de novo aberta, se é que algum dia ela tenha se fechado. A humanidade sente-se fragilizada. Fala-se em crise paradigmática.

Estamos como que diante de um sentimento de confusão generalizado, causado pela perda de balizas, de orientação, tanto no plano da teoria - insuficiência dos atuais conceitos em "prestar conta de" em "dar razão" da realidade emergente em toda a sua complexidade - quanto no plano da ação, das normas e princípios do agir humano. De fato, em todas discussões contemporâneas e na auto-representação cultural de nossa época pode constatar-se uma busca pela ética - palavrinha que se tornou um "passepartout", um signo mágico, uma pseudo-chave-mestra. Os homens em nossa sociedade atual ressentem-se de um inequívoco mal-estar frente ao caráter quase obsessivo do tema do dinamismo do progresso, da junção incondicional entre o desejo e a técnica. A humanidade parece "gemer sob o progresso que ela mesma produziu" (na expressão de Bergson), inebriada por esses progressos técnicos efetivos e incríveis que parecem imobilizar ou impedir as chances de transformar os sonhos em realidade.

As balizas ou pontos de apoio ou referência tradicionais - os mitologemas, os deuses, os valores tradicionais absolutos - foram corroídos pela racionalização tecnocientífica própria de nossa atual representação de mundo. Há um desencanto que parece provocar a fragilidade das prescrições e mesmo a inutilidade das proibições. Atingiu-se tal ponto que a Ética tradicional parece desempenhar, frente ao projeto tecnocientífico atual, o mesmo papel que os sistemas de direção e freios de um automóvel, ano 1920, instalados em um avião supersônico!

Estamos desencantados com o estado atual da cultura, da política, da educação, da ética? E daí? Lamentar a perda ou a carência? Senti-la como mal-estar de nossa condição epocal? Seria isso um vazio a ser preenchido? Ou não seria essa a nossa maneira de ser humanos hoje, a nossa condição humana avançada!!!??? Tais questões não são banais. A lamentação talvez seja tardia. Parece que não se vislumbra alternativa para o homem contemporâneo. Não importa o que pensa ou como age ele se vê submetido ao imperativo da tecnociência. Tal imperativo já foi outrora relatado no mito de Prometeu, cujo fígado era devorado constantemente por uma águia nas montanhas do Cáucaso. Condenado a esse suplício pelos deuses por ter ele, Prometeu, roubado o fogo e ter ensinado aos homens a técnica E seu irmão Epimeteu como ainda nos relata Esquilo, deu aos homens a caixa de Pandora com todos os malefícios e tristezas!

E, diante disso, os homens contemporâneos acalentaram-se com os sonhos de autonomia. De liberdade e de fim esperados. Não seria uma atitude, embora meritória, compensatória frente à crueza da realidade e do projeto tecnocientífico atual, e que, apesar de tudo. Não provoca senão a ilusão de uma evasão? Soam como alerta os dizeres de Heidegger: "O que é, na verdade, inquietante não é o fato que o mundo se torne um mundo completamente técnico. Muito mais inquietante o fato de que o homem não está preparado para esta transformação do mundo. Mais inquietante é que não estamos em condição de atingir, por pensamento, mediante uma confrontação à altura do que esta prestes a ocorrer em nossa época"(Gelassenheit, pag. 20, 1959).

E, agora, qual a responsabilidade do pensador? Ela se manifesta antes de tudo, nisso que ele não se lance confusa e precipitadamente em discussões ideológicas, mas que se decida em situar de modo cuidadoso e rigoroso tais discussões no seio de uma reflexão filosófica.

Que vozes são ouvidas hoje no campo da educação?

De um lado, os arautos da morte do sentimento ou da agonia do espírito sob o jugo do automatismo proclamam os derradeiros momentos de uma humanidade combatida e frente a um futuro imprevisível, e por isso mesmo, aterrador. O diagnóstico reservado para a educação é pessimista. O futuro que outrora era a moradia da esperança, surge como fonte de desespero. Os paradigmas se desmoronam incapazes de "dar razão" da problemática emergente. "A razão ocidental

está em crise. Ela pode explicar tudo, exceto o fato de ser preciso explicar tudo"(Meyer - A problematologia, pg. 123).

De outro lado, aqueles menos pessimistas que, recusando o fatalismo, defendem uma visão prospectiva ou um utopismo. Outrora, ocupavam-se os homens com sonhos tanto de "futuro" quanto de "lugares longínquos". Tanto o futuro ou o "ainda-não" quanto o longínquo eram acessíveis. "Já que hoje não existe mais o desconhecimento é necessário colocá-lo em outro lugar no tempo: ou invocando uma idade de ouro passada. ou apelando para um tempo futuro". (Ladrière, J. Vida social e destinação. pág. 153). O passado já não se pode efetivamente recuperar, basta o futuro. Frente a este futuro temos duas posições: a preferência que toma a forma de uma prognose descritiva e pretende extrapolar do presente para o futuro. Sua estratégia baseia-se na causalidade. Em situação mais promissora coloca-se a prospectiva., Opondo-se à preferência a prospectiva procede do futuro ao presente. A prospectiva defronta-se com futuríveis, isto é, os futuros possíveis. Não se contenta, como o faz a preferência, em descrever, prevendo, o futuro. Mas, sim, em estabelecer uma norma, por assim dizer. de futurível. Não se interessa a prospectiva com o que irá acontecer, mas sim com que decisões tomar para poder ir transformando o curso das coisas. A prospectiva. a utopia ao visar o futuro não se confundem com qualquer atividade adivinatória. Esta baseia-se na crença da cristalização da realidade e de que o futuro esteja escrito em algum lugar. Bastaria desvendar-lhe os véus, através de artifícios como bolas de cristal. pirâmides ou coisas afins, próprios aos quiromantes, cartomantes. pitonisas e adivinhos.

Afirmando a abertura essencial do futuro, a prospectiva, a utopia, visam conceber um futuro e estabelecer um modo de ação com a finalidade de realizá-lo em um outro lugar ainda não realizado. Sua mola mestra é a esperança na transformação. A morte de futuro que caracteriza nossa época é a própria morte da utopia. "Não será que a perda da inquietação e busca de uma vida melhor contribuiu para a emergência da subjetividade conformista que considera melhor, ou pelo menos inevitável, tudo o que for ocorrendo só porque ocorre e por pior que seja?"(Souza Santos, B. Pela mão de Alice. pg. 278).

Trataremos, então, neste curso da crise dos paradigmas éticos que nos coloca frente à uma interrogação crucial, uma vez que está em jogo possivelmente até mesmo a sobrevivência da espécie homo sapiens. Quais poderiam ser as novas balizas que orientariam nossa ação? Faz sentido ainda da questão filosófica da verdade, perseguida desde os primórdios do pensamento ocidental? Que novo paradigma ético poderia nos servir de baliza frente aos novos problemas, à nova situação que a humanidade vive hoje?

#### ANEXO 5:

Objetivos gerais: Permitir ao aluno a compreensão das influências sofridas pela pedagogia desde o ponto de vista científico. Possibilitar ao aluno a percepção de uma proposta cada vez mais científica sem prejuízo da realidade com a qual encontra-se  
Objetivos específicos: Oferecer uma visão da evolução da ciência e de como tal evolução alterou e altera a fundamentação do ato de conhecer.

#### ANEXO 6:

Conteúdo Programático. (1990)

1- As teorias crítico-reprodutivas; 2- As teorias progressistas; 3- A educação popular para a submissão; 4- Instâncias formais e informais de educação e a transmissão de valores; 5- Possibilidades e limites da educação; 6-Ideologias na cultura brasileira; 7- Propostas pedagógicas de Rubem Alves; 8- Propostas pedagógicas de Leo Buscaglia. Vídeo: "Sociedade dos poetas mortos".

Bibliografia:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, Filosofia da Educação, Ed. Moderna.  
 ALVES, Rubem, Conversas com quem gosta de ensinar, Cortez.  
 \_\_\_\_\_, Estórias de quem gosta de ensinar, Cortez.  
 FREIRE, Paulo, Educação como prática da liberdade, Paz e Terra.  
 \_\_\_\_\_, Pedagogia do oprimido, Paz e Terra.  
 GADOTTI, Moacir, Concepção dialética da educação, Cortez.  
 \_\_\_\_\_, Educação e poder.  
 \_\_\_\_\_, Introd. À Pedagogia do conflito, Cortez.  
 GILES, T. R., Filosofia da Educação, EPU.  
 MOTA, Carlos Guilherme, Ideologia da cultura brasileira, Ática.  
 REBOUL, Olivier, Filosofia da Educação, ed. Nacional.  
 SAVIANI, Dermeval, Educação: do senso comum à consciência filosófica, Cortez.

#### ANEXO 7:

##### Conteúdo Programático:

Fundamentos da Filosofia: conceitos, métodos e suas principais preocupações. -  
 Importância da Filosofia: A Filosofia da ação e a Filosofia da Reflexão Pura. - As  
 múltiplas relações entre Filosofia e Educação. - Os Sofistas: a verdade na palavra: sua  
 atualidade. - Sócrates e a maiêutica. - Platão e a sua influência sobre a Filosofia da  
 Educação. -A República de Platão e a sua teoria da Reminiscência. - A Educação  
 Aristotélica e sua atualidade. - Análise das raízes experimentais de Francis Bacon:  
 Pragmatismo e Experimentalismo. - Descartes e seu "Discurso sobre o Método".  
 Dogmatismo: o racionalismo cartesiano. - Kant e a Crítica da Razão Pura: criticismo. -  
 Marxismo: Engels e Marx e suas conseqüências educacionais

#### ANEXO 8:

Para exemplificar, o livro ARANHA, Maria L. A. & MARTINS, Maria H.P. Filosofando:  
 Introdução à Filosofia. SP: Moderna, 1986, aparece na pesquisa, quarenta (40) vezes  
 e ARANHA, Maria L. A. Filosofia da educação. Ed. Moderna, 1989, aparece quarenta  
 e sete (47) vezes.